

# EDITORIAL

## Ano

**C**ada final de ano é propício a balanços, retrospectivas do que se passou, numa espécie de inspiração profunda antes do mergulho profundo nas águas do ano que virá e que está ao virar da esquina. E se há razões para isso, neste ano que está prestes a terminar à medida que estas palavras são escritas. 2022 começou, em Portugal, mas também internacionalmente, com uma esperança algo renovada. O pior da pandemia de covid-19 parecia estar a ficar para trás e, com ela, um tempo que foi dos mais estranhos, se não o mais estranho, que a maioria das atuais gerações já viveu. Epidemiologicamente, o evoluir da doença parecia estar controlado e, conseqüentemente, as economias pareciam poder entrar num trilho de recuperação, depois de dois anos fortemente afetadas e abaladas. Apesar das tensões que já vinham de há muito, nos finais de fevereiro, a guerra estala. A Rússia invade a Ucrânia, dando início a um conflito que dura há 10 meses e que vai prolongar-se, pelo menos, ao longo do próximo ano. Para além do drama humanitário, o conflito entre invasor e invadido desencadeia uma onda de choque nas economias mundiais, umas mais do que outras, com especial destaque para o Velho Continente, colocando a nu a dependência energética do Grande Urso. Assim, ainda mal refeitas do impacto da pandemia, surgiu o cenário de guerra, com todas as dificuldades que ainda se fazem sentir, todos os dias, nas nossas vidas. E com um acontecimento inusitado como esse, praticamente a abrir 2022, os meses foram passando, com a nossa região a ser particularmente afetada pelo efeito mais visível das alterações climáticas, nomeadamente, a seca. Este ano temos vivido em seca, da grave à extrema, com a implementação, nos meses de verão, de algumas medidas, transversais ao País,

de restrições ao consumo da água. Outra questão que deverá estar no centro das atenções em 2023. Debaixo das atenções também esteve a região, com a mega-operação da Polícia Judiciária, que desmantelou uma rede de tráfico humano, com fins de exploração laboral, algo que já se vinha adivinhando. Desde os casos noticiados em 2021, por força do surto de covid-19 em Odemira, à vaga de imigrantes timorenses em Beja ou Serpa, mas que estão um pouco por todo o distrito, vítimas de máfias que aliciam, prometendo mundos e fundos a pessoas que viajam meio mundo em busca de um *el-dourado* que não encontram. Um problema cujo desfecho está longe de acontecer e em que o que vem a público é uma imagem muito pálida da realidade. Como consequência direta dos imigrantes que são, simplesmente, explorados e enganados, o número de pessoas em situação de sem-abrigo também aumentou no concelho de Beja, segundo o levantamento diário da Cáritas Diocesana. Algo sentido também por outras instituições, como a associação Estar, cujos pedidos de ajuda aumentam a cada dia. Uma realidade sentida, infelizmente, cada vez mais: aumentam o número de pessoas em situações de carência da mais variada ordem, aumentam os pedidos, aumentam as dificuldades das instituições. Haveria muito mais para escrever sobre a nossa região: acessibilidades, saúde ou o despovoamento e envelhecimento da população. Infelizmente, não posso acabar o ano otimista, até porque, revisitando as edições homólogas do “Diário do Alentejo”, os problemas da região são, cronicamente, os mesmos. Mas isso não invalida que não tenha esperança. Esperança em tudo o que de bom nós temos e que, um dia, haverá de ser o expoente máximo de uma região que teima em vingar! Feliz 2023. **MARCO MONTEIRO CÂNDIDO**

**“Esperança em tudo o que de bom nós temos e que, um dia, haverá de ser o expoente máximo de uma região que teima em vingar! Feliz 2023”.**

## EM DESTAQUE

*“O hospital de Beja, tem cumprido aquilo que está estipulado em termos de protocolo com o pagamento a 60 dias, portanto, tem pago atempadamente, sem falhar, sem atrasos”.*

**Domingos Fabela**  
Presidente da Federação dos Bombeiros do Distrito de Beja

Página 14



**PERFIL DE FRANCISCO MENDES**

Página 22

## 3 PERGUNTAS A...



### LUÍS MOURA DUARTE

**COORDENADOR DO SETOR DE ARRITMOLOGIA DO SERVIÇO DE CARDIOLOGIA DA ULSBA - UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DO BAIXO ALENTEJO**

**O Serviço de Cardiologia da Ulsba efetuou as primeiras ablações de Flutter Auricular Típico. O que significa a possibilidade de se proceder, no Hospital de Beja, a esta técnica?**

Significa que o Serviço de Cardiologia não está estagnado. O processo de diferenciação técnica na área da aritmologia iniciado em 2003 com a colocação de *pacemakers* permanentes, a implantação de desfibriladores cardíacos em 2007 e a realização de ablações de fibrilação auricular em 2019 continua o seu caminho. Os recursos humanos escassos – dois cardiologistas – não impediram o Hospital de Beja de ser inovador na região Alentejo. A ablação de flutter auricular típico com cateter irrigado de ablação por energia de radiofrequência para obtenção do bloqueio bidirecional do istmo cavotricúspide constitui um momento de orgulho para o Serviço de Cardiologia. A população residente na área de influência da Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo beneficia assim de

terapêuticas altamente diferenciadas em proximidade com todas as vantagens inerentes. A proximidade de cuidados traduz-se no maior acesso a novas terapias permitindo aumentar o número de doentes tratados, além de se evitarem os constrangimentos com as deslocações para hospitais centrais.

**Existem, no Hospital de Beja, meios humanos e tecnológicos para que esta técnica de tratamento possa suprir as necessidades identificadas ou para que isso se venha a verificar serão necessários meios suplementares?**

No próximo ano fará 20 anos que se colocam *pacemakers* em Beja. Nas últimas duas décadas foram implantados mais de 2000 *pacemakers* – estes doentes não só foram tratados, perto da sua residência, como também beneficiam de “follow-up” dos vários dispositivos em consulta no serviço de cardiologia. A atividade sustentada e diferenciação crescente na área da aritmologia prova que este é o caminho que podemos e devemos prosseguir. A ampliação do número de tratamentos disponíveis é uma mais-valia para os utentes. A realização destas

técnicas representa um trabalho de equipa, altamente diferenciado, esforço de muitos profissionais e nesse sentido é também motivadora e agregadora – médicos, técnicos de cardiopneumologia, enfermeiros e técnicos de radiologia. Existe, em termos tecnológicos e humanos, espaço para melhoria? Certamente que sim.

**Como classifica a capacidade de resposta da Ulsba aos doentes cardiovasculares na região?**

É possível com os recursos humanos existentes. Nas 3 Unidades Locais de Saúde do Alentejo existe uma falta nítida de médicos de quase todas as especialidades que os concursos públicos não têm conseguido prover. Esta realidade, de forma mais ou menos gravosa, afeta todo o interior do país. A resposta atual, sendo a possível, é estruturada dando respostas em várias áreas: consulta, internamento, urgência, meios complementares de diagnóstico, implantação de dispositivos e orientação de doentes para cirurgia e/ou técnicas que não se realizam no nosso hospital. Serão necessárias medidas estruturais a nível nacional, mas também medidas específicas para cada realidade local. **JOSÉ SERRANO**